

100 Visão da semana: a retomada do crescimento

Apesar da inquietação no meio empresarial e das incertezas sobre o comportamento da economia nos próximos meses, a semana que passou parecia destinada ao esquecimento, em virtude da ausência de decisões ou acontecimentos relevantes. De repente, na quinta-feira, o ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, surpreendeu mais uma vez o mundo dos negócios ao anunciar — em Foz do Iguaçu — a retomada do crescimento econômico nos anos de 1982 e 1983, quando, disse ele, o Produto Interno Bruto deverá expandir-se à taxa de 5% ao ano.

Foi mais uma — a segunda desde que voltou ao Ministério — guinada do ministro. Os números na balança comercial e da inflação, afirmou ele, estão caminhando na direção certa e há espaço para a volta do crescimento industrial. Simultaneamente a esse anúncio, Delfim Netto reafirmou a absoluta necessidade do sacrifício e da austeridade que marcaram o ano de 1981, e procurou insistir num fato: haverá um nível mais elevado de atividade, mas a política econômica não muda.

O governo continuará a dar apoio à substituição do petróleo por outras fontes energéticas, a prestar a agricultura e a combater com todas as armas disponíveis o processo inflacionário. No entanto, as taxas de juros deverão ser um pouco inferiores às deste ano e haverá mais crédito para as empresas e os consumidores, com o objetivo de sustentar a expansão do produto. Os meios de pagamento crescerão o suficiente para permitir o necessário aumento da demanda interna. Foi esta, aliás, a primeira vez desde o início da atual fase de austeridade que se falou em fortalecer a demanda.

A previsão de Delfim baseia-se na expectativa de novo superávit comercial em 1982, em virtude da estabilidade do preço do petróleo já prometida pela Opep, e dos esforços que continuarão sendo feitos para ampliar as exportações. É nesse contexto que se coloca a decisão de estender o prazo de eliminação do crédito preâmbulo do IPI, que, em vez de cair de 15% para 9%, em janeiro, diminuirá por etapas durante o ano até chegar aos 9% no final de dezembro. Foi também para estimular as vendas ao Exterior que as autoridades decidiram dar ao comércio incentivos outrora somente concedidos ao setor industrial.

A situação mais folgada do balanço de pagamentos permitirá maior volume de importações em 82, fato que, sem dúvida, estimulará a atividade industrial, contribuindo decisivamente para reduzir o atual índice de desemprego. Foi por este motivo que Delfim Netto, divergindo do ministro do Trabalho, Murillo Macedo, descartou a adoção de planos especiais contra o desemprego.